

SER ESCOTEIRO É...

SÉRIE



5
VOLUME

ROBERT BADEN-POWELL
CHEFE ESCOTEIRO MUNDIAL

Esta é mais uma publicação

TAFARA

Série Ser Escoteiro É...

Volume 5

ROBERT BADEN POWELL

CHEFE ESCOTEIRO MUNDIAL

Autor: Teresio Bosco

1a. Edição: 500 exemplares

Edição: Carlos Alberto F. de Moura

Capa: Carlos Alberto F. de Moura

Coordenação: Mario Henrique P. Farinon

"OBRA INDEPENDENTE, NÃO OFICIAL OU AUTORIZADA PELA UEB"

Porto Alegre, RS, 2002

EDIÇÃO IMPRESSA PELA DIRETORIA REGIONAL 2001/2003

Diretoria	Mario Henrique Peters Farinon
Diretoria	David Crusius
Diretoria	Márcio Sequeira da Silva
Diretoria	Ronei Castilhos da Silva
Diretoria	Oswaldo Osmar Schorn Correa

EDIÇÃO DIGITAL DISPONIBILIZADA PELA DIRETORIA REGIONAL 2004/2006

Diretoria	Ronei de Castilhos da Silva
Diretoria	Neivinha Rieth
Diretoria	Waldir Sthalschmidt
Diretoria	Paulo Roberto da Silva Santos
Diretoria	Leandro Balardin

COMITÊ GESTOR

Carlos Alberto de Moura
Marco Aurélio Romeu Fernandes
Mario Henrique Peters Farinon
Miguel Cabistani
Paulo Lamego
Paulo Ramos
Paulo Vinicius de Castilhos Palma
Siágrio Felipe Pinheiro
Tania Ayres Farinon

APRESENTAÇÃO

Na Páscoa de 1998, de 10 a 12 de abril, um grupo de escotistas e dirigentes reuniram-se, em um sítio denominado TAFARA CAMP, tomando para si a incumbência de suprir a lacuna deixada pela falta de definição do tema das Especialidades, concebeu e criou o que hoje constitui-se no Guia de Especialidades da UEB.

O mesmo grupo, na seqüência, participou decisivamente na elaboração dos Guias Escoteiro, Senior e Pioneiro.

Visto que este trabalho informal e espontâneo estava tendo resultados positivos, e, entendendo que a carência de instrumentos, principalmente literatura, é um grande obstáculo ao crescimento do Escotismo, resolvemos assumir como missão “disponibilizar instrumentos de apoio aos praticantes do Escotismo no Brasil”.

Este grupo, que tem sua composição aberta a todos quantos queiram colaborar com esta iniciativa, também resolveu adotar o pseudônimo TAFARA para identificar-se e identificar a autoria e origem de todo o material que continuará a produzir.

Os instrumentos que TAFARA se propõe a produzir, tanto serão originais como os Mapas de Especialidades, de Etapas Escoteiro, de Etapas Senior e de Planejamento, já editados pela Loja Escoteira Nacional, como também, traduções, adaptações, atualizações, consolidações, etc., de matérias já produzidas em algum momento, e que, embora sejam úteis, não mais estão disponíveis nos dias de hoje.

O material produzido por TAFARA é feito de forma independente. Não temos a pretensão de fazermos obras primas, mas instrumentos que possam auxiliar a todos quantos pratiquem Escotismo no Brasil.

Esta edição reproduz o original. Em respeito ao autor não fizemos qualquer adaptação ou atualização do texto.

A publicação desta obra foi possível graças ao desprendimento e iniciativa dos alunos do Curso de Dirigentes Institucionais, Nível Avançado de 2001/2002, identificados no final deste livro.

Este é mais um instrumento de apoio a suas atividades.

Boa Atividade.

Mario Henrique Peters Farinon
Diretor Presidente UEB/RS

Sumário

APRESENTAÇÃO	2
UM PAPELZINHO QUE DECIDE DE UM DESTINO	4
O RIBOMBAR ENSURDECEDOR DOS CANHÕES	6
O JOGO PERIGOSO	8
“MAS ISTO É UMA REMATADA IOUCURAL”	10
AS ATENÇÕES DO MUNDO VOLTAM-SE PARA MAFEKING	12
ELOFF RESOLVE ATACAR	13
A LIBERTAÇÃO NO 217.º DIA	15
SINAL DE ALARME: NAVIO EM PERIGO	17
TEMPO DE VIAGENS MARAVILHOSA	18
PALAVRAS MÁGICAS ESCRITAS NO CHAPÉU CINZENTO	20
A MISSÃO NA ÍNDIA	21
AS EMBOSCADAS DOS PHATAN	23
ESPIÃO NA RÚSSIA	25
A BATALHA NA IMENSA PLANÍCIE	26
CIVILIZADORES OU OPRESSORES?	27
UM NEGRO E UM DITADOR BRANCO	28
UM PROBLEMA URGENTE: DOIS MILHÕES DE JOVENS	30
6 TENDAS EM BROWNSEA	32
A ESTAÇÃO DAS FOGUEIRAS E DAS PISTAS	34
DEMISSÃO DO EXÉRCITO	36
A LEI DO ESCOTISMO	38
UM LIVRO QUE DESLANCHA OS JOVENS	39
A VOLTA AO MUNDO EM TRINTA ANOS	41
A EUROPA SOB A GUERRA	43
JAMBOREE, ENCONTRO DE TRIBOS	45
A MORTE AOS PÉS DO MONTE QUÊNIA	47

UM PAPELZINHO QUE DECIDE DE UM DESTINO

Estamos em Londres, num sufocante dia de julho. Na silenciosa e sofisticada sala de jantar do King's Clube um coronel muito jovem está tomando um lanche. Em outra mesa está para sentar-se o ajudante-de-ordens do Ministro da Guerra, quando os olhares de ambos se cruzam. O ajudante-de-ordens perde por uns instantes a proverbial fleugma britânica e se precipita para ele:

- Coronel Baden-Powell, o senhor não está na Índia?
- Como vê, estou aqui - murmura imperturbável o outro.
- Mas acabo de telegrafar-lhe na Índia. O Ministro necessita falar urgentemente com o senhor.
- É-me permitido pelo menos terminar meu bife?
- Receio que não, senhor.

Um quarto de hora depois, Robert Baden-Powell batia os calcanhares diante de lorde Wolseley, do qual dependem todos os exércitos que guardam o vasto império de Sua Majestade Britânia. Mergulhado na sua poltrona, o Ministro fixa por um segundo o jovem oficial; em seguida diz-lhe a queima-roupa:

- O senhor deverá partir imediatamente para a África do Sul.
- Está bem, senhor general.
- Pode partir no sábado próximo?
- Não, senhor general.

O general, enrugando as sonbrancelhas:

- E por quê?
- Porque não há navio de partida. Posso partir, se V.S. consente, na quarta-feira.

Três dias depois, o navio Dyottar Castle zarpava para a Cidade do Cabo. No tombadilho, rigidamente enfileirados, batalhões dispostos em ordem-unida entoaram o God Save the Queen. Junto ao parapeito, Robert Baden-Powell fez um rápido sinal de saudação para os dois irmãos que tinham vindo dar-lhe o adeus. Depois apalçou o envelope que trazia no bolso interno, como que para se assegurar de que estava ainda lá: é que naquele pedacinho de papel estava assinalada a sua

missão, talvez o seu destino. Nas colônias inglesas da África do Sul estava para estourar a guerra contra o Transvaal e o Orange dos bôeres.

Na ordem do Ministro da Guerra que o jovem coronel levava consigo, ele era nomeado comandante da fronteira norte-ocidental, aquela que assinalava o limite entre a colônia inglesa da Botsuana e o território bôer.

Devia manter-se em posição de defesa, atraindo contra si o maior número possível de forças inimigas, enquanto a ofensiva britânica se daria na fronteira norte-oriental.



O RIBOMBAR ENSURDECEDOR DOS CANHÕES

Outubro. Da Cidade do Cabo, Baden-Powell subiu com um reduzidíssimo núcleo de tropas até Mafeking, um importante nó ferroviário que ele decidiu transformar em seu Quartel General.

4 de outubro. O coronel chama às armas as companhias de voluntários. Entre brancos e negros, os soldados com uniforme inglês em Mafeking são um milhar.

5 de outubro. Ao longe se ouve o troar ensurdecedor dos canhões. Pode-se distinguir a olho, pairando no céu sereno, as nuvenzinhas brancas das explosões. As tropas bôeres aproximam-se cada vez mais.

Parecem ter a intenção de tomar de assalto Mafeking. Baden-Powell ordena que, no último trem a partir para a longíssima Cidade do Cabo, se façam subir as mulheres e as crianças. Escreve rapidamente um bilhete à sua mãe: “Um exército de bôeres de três colunas, da força total de 7 mil homens, - está acampado a menos de 15 quilômetros de nós. Estão bem providos de canhões.

Esperamos o ataque prometido. Já organizei a defesa civil, distribuí armas à população e fortifiquei a cidade. Estou enviando a outra parte do país a maior parte das mulheres e das crianças, pois prevejo bombardeio. Agora devo sair; projetei uma grande manobra para exercitar os homens na defesa da cidade.”

9 de outubro. Chega um telegrama cifrado, passado pelo serviço secreto: “A previsão é de chuva forte. Cuido com o feno.” Tradução: “A guerra está para atingir a sua cidade. Estejam preparados.” O general bôere Cronje levantara o acampamento e já estava com os canhões apontados para Mafeking.

A cidadezinha (seria melhor chamá-la de vilarejo) espera a tempestade. Situada na encosta de uma colina chamada Cannon Kopje, espraia-se pela planície ondulada em que corre o rio Molopo. O arsenal militar, o vasto nó ferroviário donde partem os trilhos para Joanesburgo e Pretória, a igreja e o convento dos católicos, as casas de telhado de zinco dos brancos, as casas arredondadas e de pau-a-pique dos negros, tudo foi cercado com uma cadeia de fortins. Ali concentrou Baden-Powell a minguada artilharia que deve cortar o passo ao inimigo: quatro canhões e sete metralhadoras. Fez também cavar uma série de abrigos, providenciando muito oportunamente um

sistema de alarme. Em caso de bombardeio, todos poderão colocar-se rapidamente a salvo.



O JOGO PERIGOSO

13 de outubro. O exército do general Cronje (9 mil homens, sete modernos canhões de campanha, nove metralhadoras pesadas) investe contra a cidade. O bombardeio é maciço e dura o dia todo.

Ao final, Cronje manda um mensageiro que pede para falar com o comandante da cidade. Robert sai para fora da linha dos fortins.

- O nosso general - diz a intimação - exige a rendição da cidade dentro de uma hora.

- Mas por quê? - responde tranqüilo. E volta sobre os próprios passos.

A resposta deixa estarecido o próprio Cronje.

“Depois de semelhante bombardeio não se rendem? Mas quantos são lá dentro?” - pergunta-se a si mesmo, surpreso.

Consulta a oficialidade. Desejar-se-ia ordenar o assalto na madrugada do dia seguinte, mas muitos começam a hesitar. Nada se sabe a respeito das tropas e da artilharia reunida em Mafeking, e ninguém está disposto a marchar para o massacre.

“É melhor esperar mais alguns dias e então atacar os ingleses”, conclui Cronje.

É exatamente o que queria Robert Baden-Powell. Naquela mesma noite começa a jogar o seu bluff, a fim de enganar o inimigo, fazendo-o crer que se encontrava diante de uma posição guarnecidíssima. Desloca as suas tropas de um lugar para outro do perímetro defensivo, acendendo de cada vez uma enorme fogueira. A frente de patrulhazinha, avança até às barbas das sentinelas inimigas, escondendo sobre o terreno bananas de dinamite. De madrugada, logo que as tropas bôeres começam a se movimentar, com longas mechas faz explodir ora uma, ora outra dinamite, dando a Cronje a impressão de que toda a zona está perigosamente minada.

Durante alguns dias, ao redor de Mafeking continuam a dar-se pequenas escaramuças. Patrulhas bôeres vêm ao assalto, enquanto patrulhas inglesas reagem com velozes sortidas que semeiam o pânico nas vanguardas. Ao final de uma semana, Croje está convencido de ter diante dos olhos uma praça forte inexpugnável, que se deverá fazer capitular, não com um assalto, mas com um longo sítio.

Robert venceu a primeira partida, mas agora é forçado a continuar o terrível jogo, com coragem e imaginação inexauríveis: trata-se de fazer render ao máximo os minguados recursos disponíveis,

deixando apavorado o inimigo, mediante uma contínua demonstração de vitalidade e de extraordinária atividade.

Os canhões de Cronje são mortíferos, mas o jovem Baden-Powell consegue fazê-los apontar para onde ele quer. Transmite às tropas as ordens, usando de um megafone de lata, que leva sua voz até às linhas bôeres. As indicações transmitidas são falsas, e durante a noite, quando abrem fogo, os canhões miram infalivelmente objetivos de nenhuma importância: paredes calcinadas, montes de pedras. As sentinelas são “numerosíssimas”, só que a maioria delas não passa de bonecos de madeira uniformizados.



“MAS ISTO É UMA REMATADA LOUCURA”

Um caixeiro-viajante foi surpreendido pela guerra em Mafeking com uma provisão de carbureto. Com a ajuda de um mecânico Robert fabrica um projetor de acetileno muito rudimentar; numa única noite desloca-o velozmente para doze posições diversas, iluminando por alguns instantes diversos trechos das linhas inimigas. A operação se repete por noites seguidas, levando os oficiais bôeres à conclusão de que os ingleses dispõem de uma dúzia de projetores, que poderão acender na eventualidade de ataques noturnos. Durante meses não tentam mais nada.

As noites de calma são aproveitadas por Baden-Powell para fortificar os bastiões e aumentar as trincheiras. Conseguir, destarte, aproximar-se das linhas inimigas até uma distância de trinta metros: daqui pode responder ao canhoneio com os seus canhõezinhos de tiro curto e com as granadas. Quando estas acabam, faz fabricar outras com latas de conserva cheias de dinamite e munidas de um pavio. Chega a fabricar com as suas próprias mãos um obuz com a chaminé de uma velha locomotiva.

Na entrada do refeitório dos oficiais mandou o coronel colocar o seguinte aviso: “Se acharem que as circunstâncias exigem uma ação rápida, não esperem nenhuma ordem. Não tenham medo de agir, com receio de errar. Quem jamais errou é porque jamais fez nada. Coragem e decisão muitas vezes transformaram um erro em sucesso.”

Passam-se os dias. E os defensores de Mafeking a perscrutarem o horizonte, lá do lado donde deviam surgir os reforços. As munições escasseiam sempre mais. Um capitão, com os nervos arrasados pela interminável resistência, irrompe certo dia na barraca do coronel:

- Senhor coronel, o que está fazendo é uma rematada loucura! Se o inimigo nos atacar, far-nos-á em pedaços em questão de minutos!

- Pois então é justamente aqui que venceremos, capitão - retrucou calmamente Baden-Powell. - Porque o inimigo não atacará.

Naquelas circunstâncias o que se fazia necessário era a rapidez das informações: saber imediatamente em qual ponto do perímetro da cidade os bôeres vinham atacar, a fim de concentrar ali rapidamente os defensores. Para cumprir esta missão, Baden-Powell reuniu em um “corpo especial” os jovens de dez até dezesseis anos. Deu-lhes um

uniforme e os adestrou como informantes e mensageiros. A coragem, o alegre heroísmo com que desempenharam durante meses a sua missão, os fez admirados de todos. Quando em Mafeking vieram a faltar selos postais para a correspondência interna (entre um forte e outro, entre um bairro e outro) Baden-Powell providenciou a fim de que fossem impressos novos selos: só que em vez da efígie da rainha, levavam mas era a figura dos “jovens mensageiros de Mafeking”.



AS ATENÇÕES DO MUNDO VOLTAM-SE PARA MAFEKING

18 de dezembro. A situação na cidade sitiada é a seguinte: 1074 homens brancos, 229 mulheres brancas, 405 crianças, 7500 naturais de pele negra.

Em dois meses e 5 dias de cerco as baixas são insignificantes: 23 mortos e 53 feridos. O que mais pesa sobre os sitiados é a falta de alimento e de armamento defensivo. Em compensação há um elemento que lhes dá força e ousadia: o mundo tem a atenção voltada para eles. Um incrível sistema de comunicações rompe cotidianamente o cerco, levando a todos as notícias sobre Mafeking.

Pombos-correios, indígenas que se infiltram através das linhas, levando ao pescoço, como amuletos, mensagens envoltas em lâminas de cobre, a linha telegráfica que, mediante rápidas investidas, é restaurada ao longo da ferrovia (até que os bôeres não a façam saltar de novo pelos ares), permitem aos citiados enviar ao exterior um verdadeiro diário dos combates, que é imediatamente transmitido a Londres e publicado com grande destaque nos jornais. Todo o mundo, agora, sabe da incrível resistência de Mafeking, que se tornou quase um acontecimento esportivo, um recorde: quanto tempo resistirá ainda Baden-Powell?

Para “manter elevado o moral”, o comandante excogita tudo quanto é iniciativa. Faz publicar um “Jornal de Mafeking”, que traz como sub-título esta epígrafe: “Saia todos os dias, se os canhões o permitirem.” Entra em acordo com os bôeres, declarando o domingo “dia de trégua”. Naquele dia se organizam torneios de críquete, concertos sinfônicos, bailes populares. As duas partes combatentes comunicam cavalheirescamente uma a outra as respectivas festas nacionais, concedendo-se naqueles dias uma “trégua suplementar”. Pelo Natal a trégua combinada é de dois dias.

Em seus acampamentos os bôeres cantam suas canções compridas e tristes. Em Mafeking os soldados podem assistir à Missa do Galo celebrada pelo P. Ogle na capelinha toda iluminada. O serviço protestante é celebrado à tarde, sendo seguido de competições esportivas. A orquestra não pode tocar, pois uma granada bôere caíra no depósito dos instrumentos.

Nos meses seguintes a guerra continua à base de escaramuças, ataques repentinos e muita fome.

ELOFF RESOLVE ATACAR

Abril. De Londres, a rainha Vitória dita um telegrama para Baden-Powell: “Continuo acompanhando com confiante admiração a paciente e decidida defesa que tão corajosamente prossegue sob o comando de V.S., sempre rico de expedientes”.

Enquanto o telégrafo bate as palavras da rainha, Mafeking está sob o mais terrível bombardeio que jamais a tinha atingido. É que os bôeres haviam recebido reforços e faziam chover granadas a granel. São atingidos gravemente também o hospital e o acampamento das senhoras.

12 de maio. O general bôer Sarel Eloff, juntamente com os reforços, ataca à frente de 900 homens. Não são bôeres (estes não aprovam este ataque “a céu aberto”), e sim fora-da-lei: garimpeiros, especuladores, aventureiros que seguiram Eloff com a esperança no saque. A coluna dos 900 atravessa dois braços do rio Molopo e na mais completa escuridão chega até à retaguarda do primeiro fortim protegido por cercas de arame farpado, Ocupam-no imediatamente, antes que as sentinelas possam dar o alarme. Logo além começam as casas vermelhas dos negros. Alguém está acordado, ouvem-se tiros de fuzil. Eloff compreende que lá se fora a surpresa do ataque e ordena aos seus passar tudo a ferro e fogo. Logo depois das casas dos negros há um fortim que defende o centro de Mafeking. Surpreendidos pelo fogo nutridíssimo, os soldados se rendem. Também as cavaliças são conquistadas. A esta altura, o centro da cidade está à mercê do general bôer, bastando que os seus homens o sigam. Mas ao seu redor estão bem poucos. Os fora-da-lei se esparramaram pelos fortins, pelas cavaliças, pelas cidade negra, atrás dos despojos. Eloff ordena aos seus oficiais reunir os homens sob a ameaça dos revólveres. Mas meia-hora depois ainda não se tinha conseguido nada: ao seu redor continua apenas um número insignificante de soldados, insuficientes para o assalto ao centro da cidade. E a guarnição de Baden-Powell teve tempo de sobra para recompor-se, armar-se e organizar o contra-ataque.

Havia um sistema de trincheiras que circundava os bairros de que os atacantes se tinham apoderado. Atirando-se de gatinhas através daqueles labirintos, à frente dos seus homens, Robert fecha em um círculo de fogo o contingente de Eloff.

Começa a amanhecer e os bôeres devem passar do ataque à defesa. Defendem-se desesperadamente.

Durante quatorze horas repelem investida por investida, ateam incêndios, devastando a cidade. Mas a partida está perdida. Ao cair da noite os supérstites emergem do fumo dos incêndios com as mãos erguidas. São cento e oito. Entre eles está Eloff, que é conduzido ao Quartel General.

- Boa tarde, Eloff - cumprimenta-o Baden-Powell, estendendo-lhe a mão. - O senhor chegou justamente a tempo para a ceia.



A LIBERTAÇÃO NO 217.º DIA

Dois dias depois o canhão troa ao longe. É a coluna inglesa de Lord Roberts que se aproxima para libertar a cidade. Desta vez são os defensores de Mafeking que partem para o ataque: com uma sortida imprevista, assaltam as posições bôeres, batem-se como leões, até que (exatamente como nos filmes de faroeste) ressoa na planície o toque de “carregar”, que anuncia a chegada da cavalaria.

Entre os escombros das fortificações, sitiados e libertadores se abraçam chorando. É o 217.º dia desde o início do cerco.

Naquela tarde a cidade estava toda iluminada: os lampeões baloiçavam ao vento, e nas ruas as crianças da escola cantavam hinos. “Quando a notícia chegou à Inglaterra - escreveu, Winston Churchill - as ruas de Londres se tornaram intransitáveis de tanta gente, e o rio do entusiasmo patriótico londrinense extravasou numa verdadeira inundação de alegria infantil, delirante, irreprimível, como em seguida não deveria mais acontecer até à noite da vitória da primeira guerra mundial. “

Estávamos em 16 de maio de 1900. Promovido a general por merecimentos de guerra, Robert Baden-Powell, de 43 anos, entrava na lenda inglesa.

Era o mais jovem general do exército britânico.

Mas as preocupações e as fadigas daqueles 217 dias tinham sugado todas as energias do seu físico.

A saúde sofrera um abalo. A ordem dos médicos foi taxativa: regressar à Inglaterra e submeter-se a repouso absoluto durante seis meses.

A recepção em Londres foi um delírio. O rei Eduardo VII (sucessor da Rainha Vitória) conferiu-lhe pessoalmente uma das mais altas condecorações do Império Britânico. Baden-Powell sorriu com o rosto macérrimo para a multidão que o aclamava, retirando-se em seguida para a convidativa casa de sua mãe.

Um triste espetáculo, porém, o prostrou naqueles dias: os jovens. Vagueavam numerosos pelas ruas, desocupados e briguentos. Falando com alguns amigos, pôde ter, a respeito do assunto, um quadro preciso e desolador: havia na Inglaterra 2 milhões de jovens entre os 10 e os 17 anos, na maioria doentes, viciados, sem ideal. Muitos acabavam mal, pois ninguém se interessava por eles.

Baden-Powell se perguntou inquieto: “Será esta a nova geração?”, e se lembrou dos jovens de Mafeking, das suas empresas audaciosas e heróicas.

1903. Com a saúde restabelecida, Baden-Powell é nomeado “Inspetor Geral da Cavalaria da Inglaterra e Irlanda”, um cargo de muito prestígio.

Naquele mesmo ano William Smith, o fundador das Boys Brigades, o convida para assistir a uma grande concentração das Brigadas. “Sei que anda interessado nos problemas dos jovens. Também eu estou. Venha dar uma olhadela nas minhas organizações.” Baden-Powell assiste a um imponente desfile de soldadinhos, impecavelmente uniformizados.

Obedecem automaticamente às ordens dos chefes.

William Smith lhe está ao lado:

- Que acha? Não é esta a melhor maneira de preparar os futuros cidadãos?
- Baden-Powell cala-se, pensa, sacode ligeiramente a cabeça. No fim do desfile toma à parte Smith:
- Se me permite, não estou de acordo. Esta disciplina é muito exterior, muito militar. Jovem é jovem. Para ele é preciso uma disciplina mais alegre, mais espontânea, mais jovem, em suma.

Sonha então com dar aos 2 milhões de jovens ingleses uma juventude como a sua: cheia de alegre fadiga, de disciplina alegre, em contato com a natureza que enrijece os músculos e tempera o caráter, com os rios a percorrer em canoas, os bosques a explorar, as montanhas e as colinas a galgar, os animais e os insetos a observar com curiosidade e amor.

A sua, sim, é que tinha sido uma juventude “fabulosa”.



SINAL DE ALARME: NAVIO EM PERIGO

“O período mais belo de minha meninice foi aquele em que percorri, com meus quatro irmãos, o mar em torno da costa da Inglaterra. Tínhamos um barco a vela, de nossa propriedade, no. Qual vivíamos em cruzeiros em qualquer estação e fizesse o tempo que fizesse.”

Ele, Robert, o caçula, era o encarregado da equipagem. Competia a ele manobrar a vassoura, ter em ordem o cordame, cozinhar em um cubículo imundo e cheio dos objetos mais incríveis.

Warington, o irmão mais velho, estava encarregado da operação salvamento. “Nós, pequeninos, rogávamos ao céu para que nenhum navio viesse a encontrar-se em perigo”, relembra Robert. Mas um dia, enquanto se desencadeava uma tempestade proveniente do Leste, foi dado o sinal de “navio em perigo”. Içando um velame reduzido, apressamo-nos em sair do porto. O mar, amarelento e furioso, era terrível de ver. Chegados ao alto mar, os borrifos voavam tão densos e o mar era de tal forma alevantado que a nossa situação se tornou muito precária. Mas resistimos, lutando durante horas e horas. Quando caiu a noite, Warington disse: ‘Assim poderemos distinguir o navio pelas cintilas da chaminé’. Mas nossas buscas resultaram infrutíferas. Quando finalmente regressamos ao porto, soubemos que o navio já estava fora de perigo... “

Naquele tempo Robert gastava duas linhas inteirinhas para escrever o próprio nome: Robert Stephenson Smyth Baden-Powell.

Mas todos o chamavam pelo apelido: “Ste”.

Recordava-se, como de um sonho, do dia em que o pai, o reverendo Baden-Powell, pastor e professor em Oxford, tinha morrido. Era em 1850, e ele tinha apenas três anos. Lembra-se de como a mãe, sempre tão corajosa, naquele dia tinha chorado longamente.

A senhora Henriette Grace tinha ficado com sete filhos para criar: o mais velho tinha 13 anos, o caçula apenas um mês.



TEMPO DE VIAGENS MARAVILHOSAS

Ao calor do afeto materno, que os aquece como o sol, as crianças crescem barulhentos e robustos. Nenhum deles pára um instante. Correm pelos prados, lutam boxe, fazem concurso de natação e corridas de cavalos. Henriette não se apavora com os arranhões e com os brotos. É uma mãe dulcíssima, mas enérgica e forte. Leva-os ela própria a longos passeios exploratórios, à descoberta dos animais e das flores na natureza virgem. Designou para cada um uma porção da horta, que cultivavam manejando a enxada e a bomba d'água. Cada menino leva para a mesa, em triunfo, as suas primícias. A mãe acolhe com um doce sorriso a primeira chicória de John, a primeira salada de Ste, as couves-flores de Warington.

As férias são o tempo das viagens maravilhosas. “Subimos de barco o Tâmissa até onde pudemos - recorda Robert, - até que o rio se tornou um riacho demasiado pequeno para transportar-nos. De lá arrastamos a embarcação até para lá de uma colina, e a recolocamos n'água em um arroio que corria na direção contrária. O arroio tornava-se cada vez maior, até se transformar num rio: era o Avon, que nos levou até Bath e Bristol. Depois atravessamos a imensa Severn, e continuamos o cruzeiro tornando a subir o rio Wye até à nossa casa no País de Gales. À noite acampávamo-nos ao ar livre e cozinhávamos para nós mesmos, adquirindo os víveres nas fazendas e nos vilarejos encontrados ao longo do nosso itinerário, e, finalmente, pescando.”

Os Baden-Powell voltavam das férias com os joelhos cheios de calos, os músculos enrijecidos e toneladas de bagagem: pedras para a coleção, ninhos para o museu, passarinhos para embalsamar para as vitrinas, flores para o herbário e radiosas lembranças para as noites de inverno.

Robert, chamado “Ste”, era um menininho magro e nervoso, rostinho miúdo, inteligente e esperto. Desenhava com a esquerda e escrevia com a direita. Logo aprendeu a desenhar e a escrever com ambas as mãos. Na escola, seus conhecimentos de pássaros, ninhos, pedras, lhe granjeiam enorme ascendente sobre os colegas. Num dos seus caderninhos do curso primário, um dia em que estava “pensativo”, traçou o seu programa de vida:

“Quando for grande, farei com que os pobres sejam tão ricos como nós. Eles devem, como nós, ter o direito à felicidade. Todos

aqueles que passarem por uma esquina, deverão dar algum dinheiro aos pobres varredores, agradecendo a Deus tudo aquilo que d'Ele receberam. É preciso orar a Deus sempre que se pode, mas uma vez que não se pode ser bom apenas rezando, é preciso também esforçar-se e fazer de tudo para se chegar a ser bom.”

Quando escreveu estas linhas tinha apenas 8 anos.



PALAVRAS MÁGICAS ESCRITAS NO CHAPÉU CINZENTO

12 anos. Munido de uma bolsa de estudo, Robert entra para o “college” Charterhouse de Londres. Um “college” inglês não é uma imensa construção feita de salas de aula e corredores, mas um conjunto de casinhas ornadas de grandes festões de hera, onde os jovens vivem em grupos, dedicando-se ao estudo e ao esporte.

Robert não se sai lá muito bem nas traduções latinas e gregas, mas é um “cobra” nas ciências naturais e nas competições esportivas. Tem adoração pelas brincadeiras. Um dia em que estão todos no teatro e o mágico anunciado não chega nunca, alguém convida Robert a subir ao palco para acalmar os impacientes. Não espera segundo convite. Sobe, arregaça as mangas, anunciando que executará uma fabulosa mágica. Faz com que um dos expectadores lhe empreste o chapéu: um magnífico chapéu cinzento, novinho em folha. Depois de alguns esconjuros e palavras mágicas, Robert tira do bolso um enorme canivete e se põe friamente a retalhar o chapéu em minúsculas tiras. O proprietário do chapéu já começa a ficar um tanto inquieto. Eis que chega o prestidigitador profissional. Robert, com a maior cara de pau, entrega-lhe as tiras do chapéu, dizendo aos expectadores:

“É com o maior prazer que deixo para o nosso prestigitador terminar a interessante brincadeira.”

E dá o fora.

É apaixonado pelo futebol, e, como goleiro, consegue com o tempo uma grande popularidade.

“Quando aparecia em campo, de camisa preta e calções brancos - lembra um seu companheiro - com a bola nova debaixo do braço, o velho boné escolar jogado bem para trás na cabeça, a meninada vibrava e o adorava. “ Quando for adulto, haverá de escrever:

“Muitas vezes me perguntaram o que é que me levou desde a juventude a jogar futebol com tanta animação. Pois foi a amizade com um jovem maior do que eu. Ele tornou-se mais tarde um grande jogador profissional. Tinha a honra de segurar-lhe o casaco enquanto jogava.

Não dava jamais sinal de pressa, e todavia se colocava sempre em posição tal de receber a bola. Lembro-me de com quanta energia repreendeu um colega que cria ser coisa de ‘gente adulta’ contar piadas pornográficas. Eu admirava muito sua habilidade e sua coragem. “

A MISSÃO NA ÍNDIA

Maio de 1876. Robert Baden-Powell está com 19 anos. Deixa a escola e começa a carreira militar.

São anos, aqueles em que as nações europeias conquistam vastos impérios na Ásia, na África e na Oceania. Depois de 1880 a corrida para a expansão colonial torna-se de tal forma forte que as Potências europeias, na Conferência de Berlim (1884-1885), estabelecem alguns “princípios gerais de ocupação válida” a fim de reduzir o risco de guerras entre as nações colonizadoras. Naquele Congresso, a África foi dividida em fatias como em uma festa se corta a torta. Ingleses, franceses, portugueses e alemães se apoderaram de 80% do território africano. Como ato de gentileza, “dão de presente” ao rei da Bélgica o Congo. O mesmo fizeram com a Ásia.

A Inglaterra vê reconhecido o seu “direito colonial” sobre a imensa Índia e sobre toda a vastíssima faixa do território africano que desce do Egito até ao Sul da África. No final do século, a Inglaterra possui um império mundial de 33 milhões de quilômetros quadrados, com cerca de 400 milhões de habitantes.

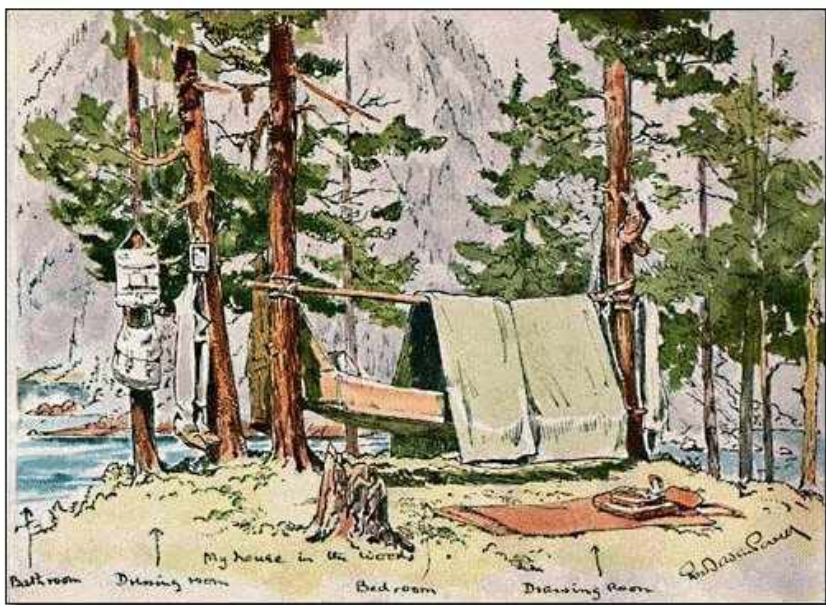
A fim de justificar tais conquistas, célebres juristas europeus elaboraram estranhas teorias sobre a “superioridade da raça branca”, destinada por Deus a “civilizar o resto do mundo.” Os brancos têm (sempre de acordo com esta teoria) a missão de levar aos “pobres” indígenas “os benefícios da indústria e do comércio exercidos na paz, e os grandes princípios da ordem, da justiça e da boa vontade.”

Robert Baden-Powell é fruto de sua época. Estudou história em livros que traziam afirmações como estas: “Os ingleses são uma raça destinada por Deus a governar e a dominar” (Seton Kerr, ministro das Relações Exteriores); “Sustento que nós ingleses somos a primeira raça do mundo, e quanto maior a parte do mundo por nós ocupada, tanto melhor para a espécie humana. Devemos dominá-los, os negros.” (Cecil Rhodes, explorador e conquistador).

Por muito tempo, Robert creu fielmente na “missão civilizadora” dos povos brancos. Somente ao término da campanha contra os Zulus e depois de um encontro pessoal com Cecil Rhodes é que descobrirá o desejo de dominação e o miserável desejo de riqueza que se escondiam por detrás daquela “missão”.

6 de dezembro de 1876. Baden-Powell desembarca em Bombaim. Tinha sido agregado como sub-tenente ao 13.º batalhão dos Hussardos que está servindo na Índia.

São meses de duro treinamento. Depois a partida para a fronteira do Afeganistão, onde se junta ao seu regimento. Por lá a situação é sempre crítica. O 13.º dos Hussardos deve vigiar o Passo de Khyber, através do qual irromperam por tantos séculos os invasores da Índia.



AS EMBOSCADAS DOS PHATAN

As tribos que habitam as áridas regiões circunjacentes são os belicosos e indomáveis Phatan, os “guerreiros da barba comprida”. Suas aldeias, feitas de casas de pau-a-pique, onde fabricam secretamente armas, são impossíveis de encontrar no emaranhado das montanhas. As grutas cavadas nos flancos dos vales formam um labirinto inextricável, de onde periodicamente se precipitam para assaltar as caravanas de passagem, ou para massacrar um contingente de soldados.

Patrulhas de Hussardos devem acoessar os bandos de salteadores, sabendo que aquele é um jogo de vida ou de morte: os Phatan executam os prisioneiros a golpes de punhal. É uma verdadeira guerra de desgaste: ocupar um altiplano, escapar de uma emboscada, conquistar um acampamento.

“À hora do crepúsculo - escreve Baden-Powell - sai-se do acampamento por cerca de um quilômetro, colocam-se as sentinelas, e por toda a noite se enviam para fora as patrulhas a intervalos de uma hora para inspecionar os arredores. Podemos ser atacados a qualquer momento. As noites longas e frias nos estão fortalecendo e enrijecendo.”

Em Maiwand um contingente de Hussardos tinha sido atacado e exterminado. Baden-Powell vai visitar o campo de batalha e fica impressionado.

“Carcassas de cavalos - escreve ele, - montões de caixas cheias de munições, montes de cadáveres de homens estraçalhados pelos cães, uniformes espalhados por toda a parte.”

Nos longos períodos de repouso que se alternam com o serviço ativo, Robert organiza a sua vida de soldado. Não quer de forma alguma pesar no orçamento da família longínqua. As 120 libras esterlinas anuais, que constituem o seu soldo, devem bastar. “Não fumo. Bebo o menos possível. Não tenho servos nem criados. Meu quarto só tem uma cadeira, uma cama, uma mesinha coberta com uma toalha verde-clara, um copinho para escovar os dentes e um filtro para água potável.”

Toma a iniciativa de exercitar os soldados da sua repartição em um ramo da instrução militar muito descuidado: o scouting, ou seja a exploração.

“Não há batalha na história - afirma ele – sobre a qual não tenha pesado enormemente o reconhecimento preventivo.” Durante as manobras periódicas, a sua companhia consegue êxitos espantosos pela habilidade no scouting: os soldados deslizam sobre terrenos herbáceos, como serpentes; ficam firmes durante longos períodos por detrás dos menores acidentes do terreno, perscrutam atentamente na escuridão, anotando mentalmente todo e qualquer particular e conseguindo, por fim, “surpreender” sempre o inimigo.



ESPIÃO NA RÚSSIA

1886. Promovido a capitão e tendo regressado à Inglaterra, Robert é enviado com o irmão menor, Baden, para assistir às “grandes manobras” do exército russo. O Ministério da Guerra britânico soubera, através do seu serviço secreto, que a Rússia dispunha de uma novidade revolucionária: minúsculas pastilhas que, queimando a bordo de balões cativos, permitiriam travar batalhas noturnas, iluminando os campos de batalha como se fosse dia claro.

Os Baden-Powell são mandados como “observadores oficiais”, mas deverão executar, sem se deixar surpreender, um verdadeiro serviço de espionagem.

Chegam a Krasoje Selo enquanto os regimentos realizam as manobras na imensa estepe circunjacente. Em um momento de grande tumulto e entusiasmo, Robert deixa o irmão no posto de observação designado pelas autoridades e desliza para examinar de perto a navícula de um balão cativo, abandonado pelas sentinelas. Depois, com ares de um técnico autorizado, penetra no forte mais próximo, cumprimenta as sentinelas e lá se encafua, ficando até à noite a fim de observar de perto as famosas experiências de iluminação. Deslocando-se silenciosamente, naquela noite consegue apoderar-se de alguns foguetes de sofisticada fabricação, como também de algumas das misteriosas “pastilhas”, que demonstraram ser muito inferiores à sua fama.

Dias depois realiza-se nova manobra noturna, agora na presença do Tzar. Os dois irmãos, desta vez juntos, conseguem penetrar no setor “reservado aos oficiais russos”. Um farol os focaliza repentinamente. São presos. A lei russa contra a espionagem não brinca: a pena mínima é de 5 anos de encarceramento.

Enquanto são vigiados como prisioneiros em um albergue, Robert tenta de um tudo: chega a oferecer muito dinheiro a um camareiro a fim de o ajudar a fugir. Tem sorte: o camareiro, na realidade, é também ele espião, a serviço dos alemães.

Podem tramar juntos, conseguindo escapar da Rússia a bordo de um navio inglês.

A BATALHA NA IMENSA PLANÍCIE

1887. Os Zulus, no interior da África, se revoltam. A Inglaterra, no seu inexorável avanço no Continente africano, havia ocupado seu território sete anos antes. Agora o príncipe Dinizulu empunhava a lança da liberdade, e o vento da insurreição corre como o fogo na savana. Um telegrama chega até ao capitão Baden-Powell, que naquele momento se encontrava na África do Sul: é escolhido como oficial subalterno pelo major McKean. Os dois deverão guiar uma coluna composta de 400 soldados britânicos e de 200 basutos até o centro da Zululândia, onde o Comissário inglês está cercado na sua residência pelos insurretos.

Baden-Powell não esquecerá jamais a batalha travada na imensa planície: quatro colunas de negros, reluzindo ao sol, vinham ao ataque. Os grandes escudos vermelhos-cor-de-sangue pareciam revestir aqueles homens de túnicas reais. Os homens negros cantavam: um coro lento, cadenciado, imperioso. “É o Ingonyama” - diz alguém.

A batalha foi breve. Contra os fuzis ingleses mostraram-se totalmente ineficazes as lanças e os escudos. Mas naquela tarde uma profunda amargura dilacerava o mais profundo da alma de Baden-Powell. A final de contas, aqueles guerrilheiros que tinham marchado contra eles cantando, altaneiros e belíssimos, não eram de forma alguma rebeldes, e sim patriotas: tinham lutado pela liberdade da sua terra. E eles, os ingleses, que haviam massacrados os revoltosos, quem eram?



CIVILIZADORES OU OPRESSORES?

1895. Na colônia inglesa da Costa do Ouro “que em breve se chamará “Gana) rebela-se a tribo dos Achantis. É uma das mais sanguinárias tribos africanas. Durante séculos tinha semeado o terror entre os povos vizinhos, com guerras e saques. As tribos derrotadas eram declaradas “espólio de guerra”.

Algemados, colocados sob um pesado jugo de madeira, os prisioneiros desciam aos milhares em direção ao litoral, acossados pelas lanças dos cruéis Achantis. Chegados ao litoral, eram entregues aos mercenários árabes ou europeus, que procediam a uma triagem, marcando com ferro em brasa os escolhidos, para finalidade de identificação, pagavam os Achantis com rum, e embarcavam-nos. Iam vendê-los nos mercados de escravos da Arábia ou das colônias inglesas, espanholas e portuguesas.

Desde 1667 os ingleses, que tinham ocupado a Costa do Ouro, tinham posto um fim às incursões dos Achantis. Mas em 1895 subiu ao trono da tribo o rei Prempeh. Ele expulsou o Governador inglês, convocou todos os seus súditos (um milhão e meio) para a guerra contra as tribos vizinhas e reiniciou a caçada aos escravos. Só numa festa em palácio degolou mais de cem pessoas.



UM NEGRO E UM DITADOR BRANCO

Baden-Powell, promovido a major havia pouco tempo, desembarca em Cape Coast à frente da vanguarda indígena. Deve abrir caminho para o general Scott que o seguirá à frente de uma força expedicionária.

Durante 20 dias Baden-Powell caminha no jângal, em direção à capital, Kumasi. A “grande estrada” que deveria ligar a cidade ao litoral não passa de um estreitíssimo caminho freqüentemente invadido e coberto pelo jângal luxuriante. O caminho é aberto a golpe de machadinhas entre arbustos, palmeiras e trepadeiras que constituíam autênticas “muralhas verdes”. Nuvens de insetos colam-se ao corpo e o pungem como uma meada de alfinetes.

Estão distantes de Kumasi dois dias de marcha, quando chega um grupinho de achantis, empunhando uma bandeira branca. Vêm oferecer, em nome de Prempeh, a rendição da tribo.

20 de janeiro de 1896. Dispostos em quadrado no centro da capital, as tropas indígenas comandadas por Baden-Powell aguardam o ato de rendição do rei. Este comparece por volta do meio-dia. “É um negro gigantesco, leio, vestido com uma túnica de fazenda de algodão pontilhada de azul - escreve Baden-Powell. - Suga um amuleto mágico como se lambesse algo. Os braços e os tornozelos estão ornados com ossos humanos.

Avança sob um enorme guarda-sol que é levado por um servo. Atravessa lentamente o quadrado das tropas e ajoelha-se no pó, trêmulo de medo. Assim termina, sem um tiro de fuzil, esta expedição pacificadora. Logo depois retorno à Inglaterra com a divisa de tenente coronel.”

Deve voltar à África naquele mesmo ano, para tomar parte numa expedição contra a tribo dos Matabeles. É ao término desta que encontra Cecil Rhodes, um dos mais astutos e desapiedados “conquistadores” ingleses.

“Era algo entre o profeta e o aventureiro. Tinha uma ambição desmesurada e desprezava os negros como raça inferior . Estava firmemente convencido de que o que é bom para a Inglaterra é bom para o mundo. Tinha uma semelhança impressionante com aqueles ditadores que nos anos 30 haveriam de dominar a Europa: Hitler, Mussolini, Stalin.”

Tratando familiarmente com aquele homem, Baden-Powell sente repugnância pelo seu desmesurado orgulho, sua sede insaciável de poder e de riqueza. Pergunta-se estarecido: “Mas são estes os civilizadores do mundo?”

1899. Inicia a guerra no Sul da África. É uma típica guerra colonial. De um lado os Bôeres (descendentes dos colonos holandeses) que dão a caça aos negros como se fossem animais selvagens. De outra, os ingleses, desejosos de ocuparem o Orange e o Transvaal pelo fato de terem sido aí descobertas fabulosas minas de ouro.

Esta guerra vergonhosa está, porém, destinada, com o longo assédio de Mafeking, a revelar ao mundo o nome de um herói: Robert Baden-Powell.



UM PROBLEMA URGENTE: DOIS MILHÕES DE JOVENS

Depois de Mafeking Robert é o herói nacional, um dos raros chefes militares que não conheceu jamais a derrota. Seu nome, suas aventuras, seu proverbial bom humor, são conhecidos por todos os ingleses. Os jovens fizeram dele o seu ídolo, e lhe escrevem montanhas de cartas afetuosas. Pedem-lhe autógrafos, pareceres, conselhos.

Como “Inspetor Geral” da Cavalaria, Baden-Powell realiza uma longa excursão pela Europa.

Quer conhecer as grandes escolas de cavalaria da França, Alemanha, Áustria, Itália. Retornando à Inglaterra, cria a “Escola de Cavalaria da Grã-Bretanha”, funda um jornal para os soldados desta arma, providencia uma completa revisão do “manual de instrução”, reestrutura completamente as escolas destinadas à formação dos oficiais.

Mas o problema que realmente o preocupa é outro; são os dois milhões de jovens viciados e sem ideais que na Inglaterra esperam alguém que “dê sentido” à sua vida.

Enquanto viaja pela Europa, interessa-se pelas realizações mais modernas dos educadores. Discute longamente com estudiosos e especialistas. As discussões mais apaixonadas são aquelas mantidas com William Smith, o fundador das Boys Brigades, cujos excessivo militarismo não aprova.

- Está bem - diz-lhe William num dia de junho de 1906. - Concordo que a disciplina dos jovens deve ser mais alegre, mais espontânea, “mais jovem” como diz o senhor. Mas, na prática, que deveremos fazer, nós, os chefes das Brigades?

Por que não escreve algum artigo para o nosso jornal, expondo o seu ponto de vista?

Robert aceita. Naquele mesmo mês, The Boys Brigade Gazette publica um seu primeiro artigo.

Intitula-se Scouting for boys (Exploração para Rapazes). Traça com palavras simples algumas diretrizes que se tornarão fundamentais no futuro “Movimento escoteiro”.

“Devemos ter bem fixa diante dos olhos a meta a que deve tender todo educador de jovens: ajudá-los a formar o caráter, a desenvolver o espírito de serviçalismo para com os demais, a tornar-se bons cidadãos.

O método que sugiro para atingir esta meta é o seguinte: utilizar a curiosidade inata nos jovens para habitua-los à exploração. Na exploração da natureza experimentarão a alegria de viver e de se cansar; na observação atenta das pessoas descobrirão a necessidade de ajudá-las”



6 TENDAS EM BROWNSEA

Em 1907 Robert encontra uma pessoa que mudará o rumo de sua vida. Chama-se Arthur Pearson, é editor de livros e jornais. Também para ele os “dois milhões” constituem um problema de consciência. Será ele que impelirá Baden-Powell para o caminho do “Movimento escoteiro”.

Certo dia lhe diz:

- O senhor tem idéias maravilhosas sobre a juventude, general. E tem escrito lindas palavras.

Mas idéias e palavras jamais resolveram nada. É preciso passar aos fatos.

- Mas como?

- Reúna alguns jovens, tente colocar em prática o seu método. Se os resultados forem compensadores, colocarei à sua disposição os meus jornais, o meu dinheiro, as minhas amizades. Lançaremos suas idéias e os seus “fatos” em escala nacional.

Julho de 1907. A ilha de Brownsea (um quilômetro de largura por três de comprimento), situada entre os brancos recifes da baía de Poole, aguarda a chegada do primeiro “acampamento de escoteiros”. Do exército Baden-Powell tomara emprestadas seis barracas circulares, amplas e pesadas, uma quantidade incrível de cordas, bússolas, cartas topográficas e um cozinheiro profissional. Trancara-se por quinze dias em um alberguezinho de Wimbledon, lançando no papel as anotações, os esquemas, as recordações, os esboços das conversações a entabular com os jovens. O material crescera de tal forma em suas mãos, que tomou as dimensões de um livro. Entre outras coisas traçou minuciosamente o programa do primeiro “acampamento de escoteiros”.

A 29 de julho chegam à ilha vinte jovens. São filhos de seus amigos ou membros das Boys Brigadas. Pertencem a todas as classes sociais e têm uma idade que varia entre os 12 e os 16 anos.

Baden-Powell os recebe com o seu sorriso manso. Traz na cabeça o chapéu que trazia em Mafeking, e veste calções curtos até aos joelhos. Junto às barracas, os jovens são divididos em quatro “patrulhas”. A cada “patrulha” Robert dá um nome: Lobos, Touros, Salmões, Corvos. Entrega-lhes também um comprido mastro colorido que lhes servirá de distintivo: azul, verde, amarelo e vermelho.

Enfileirados diante de um mastro, erguem a bandeira do campo: o estandarte velho e descolorado que tremulara sobre as muralhas de Mafeking.

O poderoso sopro de Robert faz ecoar um enorme chifre de antílope, presa da campanha dos Matabeles.

À sombra da bandeira, Baden-Powell lhes dirige a primeira saudação. É breve e incisivo: “A partir deste momento, as ‘patrulhas’ tomam posse no campo. Tenho plena confiança em vocês, pois conto com o sentimento de honra de vocês. Não obedecerão a mim, e sim ao líder que elegerão dentro de cada ‘patrulha’.”



A ESTAÇÃO DAS FOGUEIRAS E DAS PISTAS

A partir daquele momento, começa para aqueles jovens uma rápida e belíssima estação. O despertar ao som do chifre, a corrida até à cascata para o banho matinal, o apetitoso cheiro dos ovos fritos pelo cozinheiro. Depois vem o bosque, com os seus fascinantes mistérios, todos por descobrir: os ninhos de passarinhos, os insetos silenciosos, os esquilos a pularem de ramo em ramo, as ervas raras e as flores delicadas. E as praias da ilha, com as conchas, os peixes que passam por perto, as jangadas a fabricar com galhos de árvores.

Durante dez dias, Baden-Powell ensina-os a sair em exploração, seguir uma pista, organizar “grandes jogos”, enfrentar-se em movimentadas e cavaleirescas competições esportivas. Guia-os na exploração cuidadosa, na preparação de emboscadas, na misteriosa ciência dos nós. Aprendem a armar as barracas, a acender o fogo, a cozinhar ao ar livre. Para cada “habilidade” adquirida, recebem um nastro colorido que vai enfeitar as mangas da camisa.

A noitinha, depois da ceia (Baden-Powell exige certa elegância à mesa), com o corpo envolto num cobertor colorido, dirigem-se todos para a beira do mar: é a hora sugestiva da “fogueira de acampamento”. A chama sobe reta no ar leve, enquanto Baden-Powell narra as peripécias de sua vida.

Depois cantam: são canções que Robert trouxe das noites tropicais e dos matagais africanos, como o Ingonyama, majestoso e cadenciado como um salmo bíblico.

Uma breve oração termina o dia. Depois, enquanto três “patrulhas” alcançam suas barracas, a quarta vai “montar a guarda” durante a primeira parte da noite.

9 de agosto. Em seu caderninho de apontamentos, Baden-Powell escreve: “Levantado o acampamento”. Os vinte jovens partem. Levam consigo coleções de penas de passarinhos, conchas, folhas de árvores, mas levam sobretudo uma recordação indelével dos dias felizes, e a vontade de revivê-los em companhia de outros jovens.

Sem perda de tempo, Baden-Powell volta ao seu refúgio de Wimbledon para rever as suas anotações. Compreendeu a necessidade de dar aos jovens um uniforme, e desenha-o; calções não abaixo dos joelhos; blusa de algodão, de mangas compridas e de cor cáqui, tão prática para esconder-se; o lenço que serve para tantas

e tão imprevistas ocorrências; chapéu de abas longas, aquele mesmo chapéu que ele trazia em Mafeking.

Escreve também uma simples promessa, que resume em poucas palavras o compromisso de um jovem escoteiro: “Prometo pela minha honra fazer o melhor possível: para cumprir meu dever para com Deus e a Pátria, ajudar o próximo em toda e qualquer ocasião, obedecer à Lei do Escoteiro.”

Revê seus apontamentos, enriquecendo-os com novas reflexões, até parecer-lhe que podem dar um bom livro. Institua-o Scouting for boys, fazendo-o ler a Pearson e a mais alguns poucos amigos.



DEMISSÃO DO EXÉRCITO

Pearson fica entusiasmado com o livro:

- É preciso imprimi-lo sem perda de tempo, lançá-lo em todo o país. Meu jornal está à sua disposição: publicaremos a crônica do acampamento de Brownsea, e depois, capítulo por capítulo, o livro todo. A Young Men's Christian Association por-se-á à sua disposição para organizar para o senhor um roteiro de conferências. Terá muito o que fazer nos próximos meses. Por falar nisto, não pensou em dar baixa?

Baden-Powell já pensava nisto havia tempo.

Tinha apenas 50 anos, podia aspirar aos mais altos postos, mas a vida de general não o seduzia. Repugnava-lhe ir “enterrar-se num escritório”, entre papelada e carimbos. “Ser oficial de um regimento me agradava - deixou escrito - devido ao contato pessoal com os meus homens. Mas eu não fora talhado para general.” Além disso, havia os jovens, e era esta nova missão que lhe absorvia o pensamento e lhe enchia a vida.

Em um colóquio pessoal, pediu conselho ao próprio rei Eduardo VII. Depois, “encorajado pela sua mãe, depois de ter orado muito a fim de conhecer a vontade de Deus - refere a senhora Baden-Powell - deu naquele mesmo ano baixa do exército.”

A publicação da experiência de Brownsea nos jornais de Pearson desperta o interesse de jovens e adultos. As conferências organizadas pela YMCA atraem as multidões. Baden-Powell conta com simplicidade o que fez em Brownsea, expõe as próprias idéias, as suas reflexões sobre “como dar prazer e sentido à vida dos jovens”. Seu modo de falar não é o dos doutos e enjoativos conferencistas. É todo entremeadado de episódios, intuições, recordações, conselhos práticos e sugestões.

“A grande mestra dos jovens - diz ele - deve ser a natureza.” Os bosques a explorar, as montanhas a conquistar, os rios a percorrer constituem a grande e esplêndida escola da vida, infelizmente ignorada por tantos jovens. “A atividade física não é jamais apenas um prazer: habitua ao sacrifício, habitua à generosidade, obriga à ajuda mútua, leva à descoberta da importância da união, da amizade. Torna as pessoas humildes e fortes, generosas e gentis.”

“Ao explorar a natureza, o jovem desenvolverá a sua capacidade de observação e de dedução.”

A vista, o ouvido, o olfato, o tato tornam-se mais prontos, mais aguçados, no seguimento da pista mais apagada, na observação do menor detalhe (observação). E quando, a partir das pistas e dos detalhes, tentar “compreender a situação” (dedução), deverá apelar para a capacidade de raciocínio, para a imaginação, para o bom senso, para a memória. Do vôo improvisado de um pássaro saberá da presença de alguém. De um galho quebrado adivinhará a direção tomada por uma patrulha.

“O meio mais eficaz para educar um jovem - diz - é o jogo. O jogo ao ar livre, o jogo de aventura na natureza.” Baden-Powell será um grande inventor de jogos, copiando-os da vida: a observação, a espionagem, a preparação de armadilhas e de emboscadas, e a maneira de escapar de tudo isso.

Outros componentes essenciais da educação devem ser a vitória, a luta, a competição: primeiramente e antes de mais nada contra a própria preguiça, o desânimo, o cansaço.

O desenvolvimento do instinto social encontra um desafogo na patrulha, guiada por um jovem. Baden-Powell tem uma ilimitada confiança nestes pequenos “chefes”. Um adulto os controlará, mas sem fazer pesar o seu controle. A patrulha deve ser um mundozinho à parte, com as suas tradições, os seus símbolos, o seu trabalho: uma sociedade em miniatura.



A LEI DO ESCOTISMO

A única alavanca poderosa, a que se deve recorrer nos momentos decisivos, é o sentimento de honra do jovem. Logo de início ele dá a sua palavra de honra de que haverá de se comportar como um escoteiro, e o seu sentimento de honra será a garantia de que observará a “lei”, mesmo se isto vier a lhe custar muito.

Esta lei, Baden-Powell resumiu-a (como um moderno Moisés) em dez mandamentos, que sofreram depois alguma ligeira modificação nas várias nações para onde o escotismo foi transplantado.

Ei-lo na versão adotada pela União dos Escoteiros do Brasil:

“1. O Escoteiro tem uma só palavra; sua honra vale mais que a própria vida.

2. O Escoteiro é leal.

3. O Escoteiro está sempre alerta para ajudar o próximo e pratica diariamente uma boa ação.

4. O Escoteiro é amigo de todos e irmão dos demais escoteiros.

5. O Escoteiro é cortês.

6. O Escoteiro é bom para os animais e as plantas.

7. O Escoteiro é obediente e disciplinado.

8. O Escoteiro é alegre e sorri nas dificuldades.

9. O Escoteiro é econômico e respeita o bem alheio.

10. O Escoteiro é limpo de corpo e alma.”

“Um ponto dos mais importantes - diz ainda Baden-Powell - é que os jovens façam cada dia uma boa ação para com alguém, A boa ação pode ser até mínima (ceder o lugar a alguém para sentar-se, tirar da calçada uma casca de banana, deixar uma moedinha na caixinha dos pobres, mas é uma maneira eficaz de arrancar o rapaz do próprio egoísmo.”

“Não há sistema educativo - diz mais Baden-Powell - sem a presença de Deus. Não de um Deus que tem o fuzil engatilhado para castigar-nos, mas que nos sorri e nos encoraja a tornar-nos homens através daquela sua obra prima que é a natureza.” “Nenhum homem pode ser realmente bom se não crê em Deus e não obedece à sua lei. A religião é uma coisa simplicíssima: primeiro, amar e servir a Deus; depois, amar e servir o próximo.”

UM LIVRO QUE DESLANCHA OS JOVENS

De janeiro a março de 1908, o livro *Scouting for boys* é publicado em seis fascículos. O resultado é tal que já em maio sai a edição em volume único.

Muitos educadores ficam decepcionados. *Scouting for boys* não se assemelha a nenhum outro livro de pedagogia. Não é um tratado, mas (como as conferências de Baden-Powell) uma série de episódios, recordações, conselhos práticos, sugestões, tudo reunido em “26 conversações”, que os adultos podem ter com os jovens, mas que os próprios jovens podem ler sozinhos.

E são os jovens que decretam o sucesso do livro. Num ano são vendidos 110 mil exemplares.

“Os jovens devoraram-no - escreve R. Bastin. - Esta coletânea de casos variados permite ao jovem mediano tentar fazer escotismo. Aí encontra ele, codificados por um mestre, num estilo que o prende, conselhos práticos para realizar seus sonhos de acampamento, de fogueiras, de aventuras. Encontra um manual para se sair de uma dificuldade no mato, para reviver aquela vida primitiva, cuja recordação está sempre no fundo do ser humano.

Descobre nele normas sábias para crescer. Duras regras, pois para Baden-Powell o jogo não tem aquele quê de facilidade que nós adultos lhe emprestamos, mas o profundo interesse que nele deposita o jovem. “

No verão e no outono daquele ano de 1908, os ingleses vêm surgir “patrulhas de escoteiros” por toda a ilha. É como um incêndio que se propaga incontrolável numa floresta. Os jovens se vestem como os “soldados-exploradores de Mafeking”, os chefes (escolhidos pelos próprios jovens) lêem com eles (*Scouting for boys*, indo para os bosques armar barracas, construir cabanas, promover “grandes jogos”, observar de perto (deslizando silenciosos à maneira indiana) animais e passarinhos.

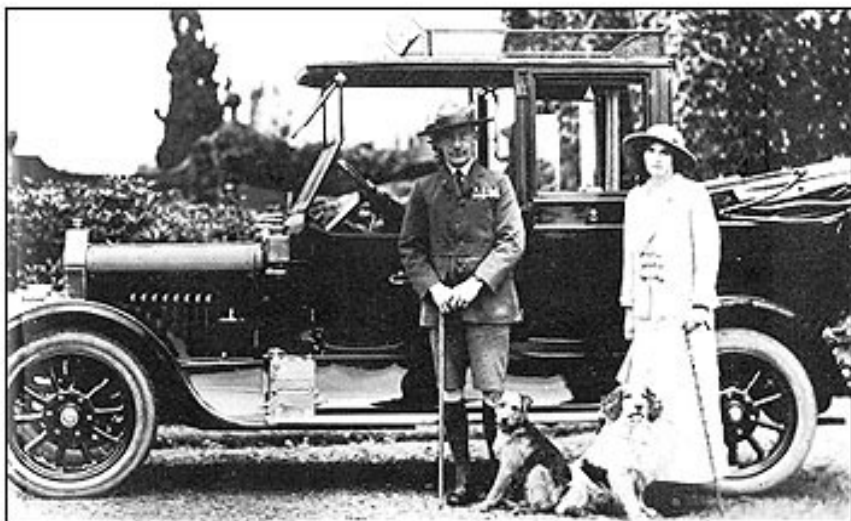
Nasce, assim, sem que ninguém o tenha previsto, o movimento escoteiro. A massa de jovens “viciados, desocupados”, encontraram em Baden-Powell o seu líder. “BP”, como o chamarão todos carinhosamente dora em diante, é aquele que os compreendera, encontrando a fórmula para dar sabor e interesse à sua vida.

Em julho de 1908 realiza-se o primeiro encontro de “instrutores de escoteiros”. Neste ínterim, o Scouting for boys é traduzido em várias línguas.

A Argentina e o Chile, naquele mesmo ano de 1908, já têm os seus escoteiros.

A América descobre o escotismo graças à boa ação de um escoteiro inglês. Arrastando uma valisa pesadíssima, um americano dirige-se pensosamente para um hotel de Londres. Um jovem de 15 anos aproxima-se-lhe e toma-lhe a valisa, levando-a até o destino. O americano enfia a mão no bolso para tirar a gorjeta, mas o rapaz a recusa delicadamente: “Sou escoteiro e, ajudando-o, fiz hoje a minha boa ação.”

Impressionado com tamanha gentileza, aquele americano procura se informar a respeito dos escoteiros. Adquire o Scouting for boys e, de regresso à América, esforça-se para que o escotismo nasça também nos Estados Unidos. Apenas um ano depois, o presidente americano Roosevelt escrevia a Baden-Powell: “Endosso com a maior simpatia os métodos e os objetivos contidos no seu livro. As lições nele contidas são adaptadas e necessárias também aos jovens norte-americanos.”



A VOLTA AO MUNDO EM TRINTA ANOS

A partir de 1908, a vida de Baden-Powell é totalmente absorvida pelo escotismo. Cada ano organiza novos “acampamentos de escoteiros” (interessantíssima a experiência feita a bordo do navio Mercúrio: um “acampamento” vivido durante vinte dias em alto mar, tudo no estilo escoteiro).

Mas especialmente (e é o que mais o absorve) torna-se o “caixeiro viajante” do escoteirismo. Os convites chovem de todas as partes do mundo, para conferências e “inspeções” a secções de escoteiros. E lá vai ele, todo alegre e transbordante de entusiasmo. “Como é maravilhoso repartir com os jovens de todo o mundo a alegria de viver”, costumava dizer.

É impossível segui-lo passo a passo nesta “volta ao mundo” que haveria de durar aproximadamente 30 anos. Acenemos apenas aos momentos mais empolgantes.

1909. Em Londres, no Palácio de Cristal, dá-se o primeiro grande encontro de escoteiros: onze mil jovens. Desfilam pelas ruas de Londres com seus capeirões e as bandeiras. A surpresa chega no final do desfile: atrás dos rapazes avançam as formações de moças, irmãs, primas, amigas dos escoteiros. Baden-Powell fica literalmente boquiaberto. Jamais poderia ter imaginado que também as moças pedissem para participar da vida de escoteiro. O “brinquedo nos bosques”, ainda mais naquele tempo, não parecia talhado para elas. Mas as jovens londrinas ficaram irremovíveis: no transcurso de um ano, oito mil estavam inscritas no “quartel general” do escotismo com o nome de guia, reclamando ao mesmo tempo uma “edição adaptada” para elas do Scouting for boys.

1912. Os escoteiros dos Estados Unidos, Japão, China, exigem a presença de Baden-Powell. No porto de Londres sobe ele a bordo do Arcadie para a sua primeira volta ao mundo. Serve-lhe de escolta uma “guarda de honra” de jovens vestidos de calções e de blusas cáqui, que agitam bastões e chapelões, gritando “hurra!”.

Está presente uma mulher ainda jovem, que observa curiosamente toda aquela festa. Chama-se Olave Soames. Robert, notando-lhe o interesse, faz-se apresentar a ela, deixando-a boquiaberta com a maneira como iniciou a conversa:

- Há dois anos atrás a senhorita passou rente ao quartel de Knightsbridge, em Londres, seguida por um cão espanhol esbranquiçado. Pois desde aquele dia que desejo falar-lhe, senhorita. Tornam-se amigos. Alguns meses depois os amigos mais íntimos de Baden-Powell são informados de que ele desposará miss Olave Soames, numa cerimônia muito íntima.

Ao casamento está presente o Primeiro Ministro da África do Sul, Louis Botha, que na guerra sul-africana comandara os Bôeres. Com fino humor, no momento do brinde, Botha ergue a taça à esposa, dizendo:

- A saúde daquela que capturou o homem que nós não conseguimos capturar.

Foi um matrimônio muito feliz, não obstante os 30 anos de diferença de idade entre os esposos.

Nasceram três filhos: Peter, Heather e Betty. Olave se tornou sua mais fiel colaboradora, também no movimento escoteiro, especialmente na organização das guias. (1)

1913. As crianças dos 8 a 12 anos manifestam, também elas, o desejo de entrar no grande movimento escoteiro. Nascem os “lobinhos”. Os nomes fantasiosos e o espírito deste ramo do escotismo nasceram do encontro de Baden-Powell com os “Livros das Selvas” de Kipling. Deseja levar as crianças a reviver a estória encantada de Mowgli: o menino que se perde na floresta, é amamentado por uma loba, é aceito na sociedade dos animais, descobrindo os maravilhosos segredos e a força educativa da natureza.

(1) O equivalente, no ramo feminino do escotismo, ao “escoteiro” (N. do T.).



A EUROPA SOB A GUERRA

Naquele mesmo ano, num jornal inglês, um oficial dos altos escalões acusa o movimento de escotismo de ser pacifista.

Baden-Powell responde: “Fico reconhecido ao oficial que nos faz esta acusação... É verdade.

Encorajamos os jovens a pensar em termos de paz e de amizade entre as pessoas e entre os povos.”

A acusação tem seus motivos: em 1913 já se percebe no ar a tempestade que está para desabar sobre a Europa, a Primeira Guerra Mundial. Os jovens são solicitados, não para pensamentos de paz, mas para fantasias de guerra. A Alemanha quer dominar o mundo; a Inglaterra, que já domina o mundo com o seu vasto império colonial, está decidida a barrar o passo aos alemães. As nações européias, desde a França até a Rússia, rearmam-se precipitadamente. Nos estaleiros se preparam monstruosos vasos de guerra. Nas fronteiras vão se alinhando filas e filas de canhões e exércitos intermináveis. Baden-Powell anota: “Se se deflagrar, esta guerra será terrível. Em comparação com ela, as nossas guerras coloniais não passarão de brinquedos de crianças. Lá o homicídio era um acidente, ao passo que aqui o massacre será científico e automático.”

28 de julho de 1914: o canhão ribomba nos confins da Sérvia.

1.º de agosto: as tropas alemãs ultrapassam as fronteiras russas.

4 de agosto: a França e a Inglaterra entram na fogueira. A Bélgica é atingida. por uma avalanche de fogo. A “guerrona” dilaga pela Europa. Milhões de jovens vão para as trincheiras.

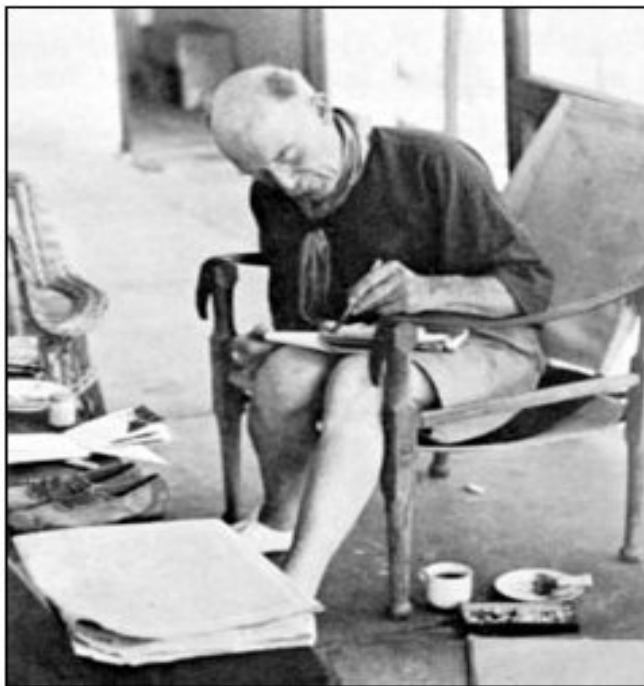
Durante quatro anos as planícies francesas são cobertas de cadáveres e inundadas de sangue. A partir de 24 de maio de 1915, também a Itália é arrastada para a fomalha.

1917. Enquanto, no front francês, os batalhões recusam obedecer à ordem de passar ao ataque, e na imensidão da Rússia começa a inesperada revolução comunista de Lenine, Baden-Powell escreve:

“As nações, desiludidas com esta guerra, estão à procura de instrumentos de paz,,, Devemos empenhar-nos a fim de que os jovens que estão crescendo em todas as partes do mundo possam viver, como irmãos, a experiência do escotismo.

Eles ficarão assim ligados por uma amizade que possibilitará encontrar uma solução pacífica para os grandes conflitos internacionais... Se os futuros cidadãos do mundo tiverem convivido lado a lado em um acampamento de escoteiros, serão capazes de regular as controvérsias com discussões e pactos amigáveis. Percorrerão o caminho da paz e não o da guerra.”

A partir deste momento, a defesa da paz através do escotismo será a “missão especial” de Baden-Powell.



JAMBOREE, ENCONTRO DE TRIBOS

Páscoa de 1919. No parque de Gilwell, perto de Chingford, Robert inicia o primeiro “Acampamento-escola para chefes escoteiros”. É uma idéia genial: fazer com que os Chefes vivam, por algum tempo, a vida dos seus jovens. Divididos em patrulhas, passando, mediante rodízio, por todos os cargos, os Chefes se “especializam” em escoteirismo, mediante um estreito contato com Robert e com os seus mais imediatos colaboradores.

Há anos que Baden-Powell se preocupa com os jovens que, ao atingirem os 16 ou 17 anos, abandonam o movimento. A exploração e os distintivos não entram mais no número de seus interesses, mas muito desejariam continuar a viver “à maneira escoteira”, ou seja, encarando a vida como um esporte viril. Em 1922 Robert publica o seu melhor livro, *Rovering to success*. Nasce assim os rovers, o terceiro ramo da família escoteira. A esses aponta como interesse central da vida o serviço. Serviço para consigo mesmos, para com o movimento escoteiro (tornam-se a principal fonte de Chefes), para com a comunidade. “Prestar serviço, seja lá de que natureza for - escreve - constitui a maneira escoteira de observar a promessa de cumprir o Dever para com Deus.”

O movimento escoteiro está agora completo:

Lobinhos (7-11 anos) reunidos em Alcatéia, - Escoteiros (11-15 anos) reunidos em Patrulha; Escoteiros Seniores (16-18 anos) reunidos em Tropa, - Pioneiros (maiores de 18 anos) reunidos em Clã. Uma Alcatéia, uma Patrulha Escoteira, uma Patrulha Sênior e um Clã, tudo reunido, formam um Grupo.

A esta articulação corresponde a das Jovens: Fadinhas (7-9 anos), Bandeirantes (9-11 anos), Guias (12-16 anos e maiores de 16 anos).

1920. Seis mil escoteiros provenientes de 21 países de todas as partes do mundo reúnem-se em Londres. É o primeiro Jamboree Mundial. Foi Baden-Powell quem escolheu esta palavra. No linguajar dos índios americanos significa “encontro de tribos”. É a primeira realização do seu sonho de paz: o encontro de todos os povos na cordialidade da amizade. Certos rostos de jovens lembram-lhe os povos entre os quais teve de estar como combatente. Seus filhos vêm hoje até ele para aprender a construir a paz.

Na última tarde do primeiro Jamboree, 6 de agosto, Baden-Powell é aclamado “Chefe escoteiro mundial”.

O primeiro foi seguido de outros Jamborees mundiais; 1924 na Dinamarca, 1929 na Inglaterra, 1933 na Hungria, 1937 na Holanda. Em todos eles Robert, com a face já enrugada mas com o sorriso sempre mais luminoso, foi a figura central, ruidosamente aclamado pelos seus jovens.

Aos 28 mil reunidos na Holanda disse: “Já é chegado o tempo de despedir-me de vocês. Desejo-lhes felicidade. Já estou com oitenta e um anos de idade, e aproximo-me do fim... Lembrem-se dos numerosos amigos aos quais estenderam a mão para a amizade, e difundam entre os homens o reino pacífico de Deus.”



A MORTE AOS PÉS DO MONTE QUÊNIA

Outubro de 1938. Baden-Powell está em viagem para a África do Sul. De repente faltam-lhe as forças. São obrigados a desembarcá-lo em um porto do Quênia. Naquele país, em uma casa situada aos pés do monte Quênia, coberto de neves eternas, morava, havia já alguns anos, seu filho Peter.

Entre o verde intenso da floresta e o respiro profundo do vento, Baden-Powell transcorreu os últimos meses da vida já em declínio. Lá longe o rádio lhe levou, na primavera de 1939, a tristíssima notícia do início da Segunda Guerra Mundial. Aos “seus” escoteiros, aqueles mesmos que ele tinha ouvido cantar e visto rir despreocupadamente nos Jamboree, era ordenado outra vez de empunhar o fuzil para matar-se entre si.

Morreu em janeiro de 1941, na véspera do seu 84.º aniversário. A última mensagem que enviou lá daquela região longínqua da África aos escoteiros do mundo inteiro, enquanto as nações estavam ainda envolvidas pela fúria guerreira, ainda foi uma palavra de esperança:

“Minha vida transcorreu muito feliz, portanto só posso desejar a cada um de vocês uma vida igualmente feliz. Procurem deixar o mundo um pouco melhor de como o encontraram. E quando chegar a hora de vocês, poderão morrer serenamente, com a certeza de terem feito tudo o que podiam.”



CURSO AVANÇADO PARA DIRIGENTES INSTITUCIONAIS 2001/2002

DIRETOR

DCIM Mario Henrique Peters Farinon

EQUIPE

DCB Tania Ayres Farinon

IM Norma Beatriz de Oliveira Brito

DCB Cleusa Maria Campello

DCB Carlos Alberto Ferreira de Moura

ALUNOS

Carlos Alberto Pereira

Carlos Alberto Bergmann

Cleber Ricardo da Silva

Fernando Luiz Dal Pai

Hugo Carlos Macke

Kátia Maria Souza Paludo

Marcelo Mello Nascimento

Maria Beatriz Flach

Maria Cristina Antunes

Maria Ilza Flores Coronel

Neida Terezinha Lima de Oliveira

Neivinha Rieth

Olídia Marlene de Oliveira

Ricardo Machado

Rodrigo Godoy da Silva

Roberto da Silva Alves

Rotechild dos Santos Prestes

Sandra Silveira Fraga

Sandra Zanon



PUBLICADO POR UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL
REGIÃO DO RIO GRANDE DO SUL